

CARRETEL

F U N D A Ç Ã O I B E R Ê



#1
ABRIL
MAIO
JUNHO
2019



FOTO: RONALDO AZAMBUJA

#06

Exposição de Iberê
"Visões da Redenção"
segue até 21 de abril

#10

FestFoto 2019 traz
Angélica Dass à
Fundação Iberê

#13

Escultura "Spider",
de Louise Bourgeois,
chega no mês de maio

+

+ Beatriz Araujo + Luciano Alabarse
+ Emilio Kalil + Arte Superstar
+ Programação Cine Iberê
+ Jantar Leilão Beneficente

Iberê mais perto da comunidade

Ser um dos espaços mais bonitos da cidade à beira do Guaíba não é suficiente. Queremos tornar a Fundação Iberê extremamente atrativa para que as pessoas sintam-se parte e desfrutem do potencial da instituição.

Nos meses de janeiro e março inauguramos três grandes exposições: *Ateliê de Gravura: da Tradição à Experimentação*; *Se o paraíso fosse assim tão bom*, da britânica Cecily Brown; e *Visões da Redenção*. Outra grande notícia é que agora a Fundação Iberê está aberta de quarta a domingo. Eu diria que sim, foi uma atitude ousada. Ousadia ao enfrentarmos a crise com otimismo. Ousadia em trazer para Porto Alegre artistas de renome internacional, como a própria Cecily, a francesa Louise Bourgeois e os brasileiros Daniel Senise, José Bechara, Angelo Venosa e Wesley Duke Lee. Nosso Programa Educativo também dará largos passos em 2019. Vamos oferecer atividades artísticas no contraturno de escolas do município de Porto Alegre e fomentar a cultura entre os jovens.

O processo de reinvenção de lugares sempre é um desafio, mas quando alicerçado em estudos, com a representatividade de vários setores da sociedade, em conjunto com a disposição da equipe em tornar o ideal em realidade, mais visível à população, atraindo público e apoiadores. São forças que acreditam, resistem e persistem em tornar a cultura um agente transformador social.

EMILIO KALIL

*Diretor-superintendente
da Fundação Iberê*



Fundação **Iberê**

Conselheiros

Jorge Gerdau Johannpeter,
Presidente

Arthur Bender Filho

Beatriz Bier Johannpeter

Fábio Brun Goldschmidt

Fernando Antônio Lucchese

Fernando Luís Schüller

Hermes Gazzola

Jayme Sirotsky

Lia Dulce Lunardi Raffainer

Nelson Pacheco Sirotsky

Renato Malcon

Rodrigo Vontobel

Tárik Potthoff

Wagner L. dos Santos Machado

William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna

Gilberto Schwartzmann

Heron Charneski

Pedro Paulo Oliveira de Sá Peixoto

Ricardo Russowsky

Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Justo Werlang, *Diretor-Presidente*

Antônio Augusto Pinent Tigre

Anik Ferreira Suzuki

Carlos Cesar Pilla

Daniel Skowronsky

Ingrid de Kroes

Patrick Lucchese

Rodrigo Azevedo Pereira

EQUIPE

Diretor-Superintendente

Emílio Kalil

Superintendência-Executiva

Robson Outeiro

Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert

Gustavo Possamai

Educativo

Lêda Fonseca, *Consultora*

Larissa Fauri, *Coordenadora*

Clara Marques, *Mediadora*

Bruna Chiesa, *Mediadora*

Carolina Kneipp, *Mediadora*

Daniele Niewinski, *Mediadora*

Gabriel Farias, *Mediador*

Gabriela Nodari, *Mediadora*

Jezabel Katz, *Mediadora*

Marina Malcon, *Mediadora*

Milena Fernandes, *Mediadora*

Pietro Costa, *Mediador*

Patrocínios e Parcerias

Bruna Stern

Carolina Aguiar, *Estagiária*

Comunicação

Lucas Pierozan

Israel Dorneles, *Estagiário*

Assessoria de Imprensa

Roberta Amaral

Administrativo/Financeiro

Carolina Miranda Dorneles

Joice Souza

Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

Produção

Lucas Schultz

Clube Iberê

Nonô Joris

Engenharia

Roberto Ritter

Manutenção

Arnaldo Henrique Michel

Secretaria

Luciane Zwetsch

Recepção

João Petrillo

Zeladoria

Maria Lunardi

CARRETEL
FUNDAÇÃO IBERÊ

Projeto gráfico e diagramação

POMO estúdio

Impressão

Ideograf Gráfica e Editora

Conselho Editorial

Adriana Martorano

Luiz Gonzaga Lopes

Roger Lerina

Um novo olhar para a cultura do RS

Estar à frente da Secretaria de Estado da Cultura, especialmente com a missão de promover sua refundação, é motivo de muito orgulho. Mas, também, de uma responsabilidade enorme. É um desafio que se desenha em um panorama com liberdade para fazer e transversalidade para agir.

O momento ainda é de planejamento e diagnóstico dos equipamentos culturais, sob análise e olhar criterioso das diretorias de Artes e Economia Criativa, Fomento e Memória e Patrimônio. A partir daí, elegeremos nossas prioridades, visando oferecer as condições adequadas ao bom funcionamento das instituições da SEDAC, responsáveis pela implementação das políticas públicas voltadas aos diversos segmentos da pasta.

Vamos trabalhar em parceria com os jovens e com o que eles nos oferecem de melhor: inovação, domínio de novas tecnologias, para oxigenar os modos de fazer e impulsionar um novo perfil de empresas que atuam com Economia Criativa. A participação dos conselhos, colegiados, organizações sociais, será decisiva na definição de nossas prioridades. No que tange aos grupos que atuam nas comunidades, a exemplo dos Pontos de Cultura, e pelos quais tenho muito respeito, seus representantes podem ter certeza do empenho da Secretaria na busca de recursos que viabilizarão suas ações.

Confiante na caminhada, se tiver que elencar uma marca de gestão, será a de priorizar quem está na base, os desassistidos. Com este olhar atento e maior capilaridade aos investimentos em cultura no Rio Grande do Sul, direcionaremos toda energia e inspiração no decorrer destes anos, com a certeza de que faremos boas entregas às comunidades.



BEATRIZ ARAUJO

Secretária de Estado
da Cultura do RS

Foto: Divulgação

O futuro tem nome

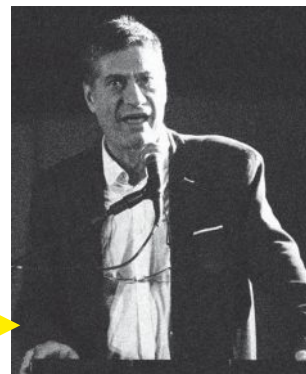
O P L
M L A
O

Ainda impactado com a beleza da cerimônia do Troféu Açorianos de Artes Plásticas, me dei conta que ali, na reunião de tantos coletivos diferentes e instituições que atuam na cidade, estava o caminho que acredito ser o que viabilizará o futuro da nossa produção cultural: parcerias.

Vivemos tempos difíceis no que se refere a continuidades de projetos culturais, mesmo os mais relevantes. Dificuldades de toda ordem mostram, de maneira cabal, que é preciso reformular estratégias para continuar a movimentar a roda da cadeia produtiva. A ideia de um Estado provedor, a injetar indistintamente recursos no setor, me parece estar encerrada.

A Prefeitura de Porto Alegre tem estabelecido projetos, intercâmbios e parcerias que podem e devem estimular. A criação da Associação de Amigos da Pinacoteca é bom exemplo de uma organização que, junto ao poder público, foi criada para pensar e estabelecer programas de revitalização no espaço. Quanto mais uma cidade oferece atrações, mais se torna um polo de criação artística e de destino turístico.

No que compete à Secretaria Municipal de Cultura, a disponibilidade para parcerias com entidades de classe, empresas e organizações sociais é total. Diálogo numa hora difícil como essa que atravessamos, juntos – querendo ou não, é o ingrediente que vai fazer a cidade encontrar suas respostas às perguntas e demandas que a comunidade artística apresenta. Juntos, certamente, faremos uma cidade melhor. Parcerias, frutos desse diálogo, são o que me parece o caminho do futuro.



LUCIANO ALABARSE

Secretário Municipal
da Cultura de Porto Alegre

Foto: Ricardo Giusti

Fundação Iberê desenvolverá atividades artísticas no contraturno em escolas da Capital

O projeto Iberê nas Praças é financiado pela Lei Rouanet, com patrocínio da Corsan



Deixar à escola da rede municipal de Porto Alegre um legado de espaços criativos que fomentem ações culturais. Implementar soluções que instiguem a busca pelo conhecimento e, conseqüentemente, melhorem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básico. Reduzir os índices de evasão sem soluções mágicas, mas qualificando o processo de aprendizagem dos alunos com a vivência de diferentes linguagens artísticas. Esses são os principais objetivos da Fundação Iberê que, a partir 2019, ampliará as atividades do seu Programa Educativo indo ao encontro dos alunos.

O centro cultural foi uma das seis organizações da sociedade civil selecionadas no edital da Prefeitura de Porto Alegre que irá oferecer atividades nos turnos inversos das escolas municipais. Serão três horas diárias, cinco vezes por semana, com atividades que passem por quatro eixos de ensino: letramento, numeramento, iniciação científica e educação do sensível.

"Pensar em Educação em tempo integral significa uma extrema responsabilidade com o mundo. Tomamos para nós o compromisso de desenvolver, na prática pedagógica, ações que envolvam o outro, fortalecendo as redes de emoções nas dimensões do sensível, a fim de preservar o encantamento pelo mundo e possibilitar que este seja matéria instigante nas práticas educativas. Com uma visão empreendedora, criaremos um sucatório, um espaço expositivo e uma nova ambientação na biblioteca", explica Lêda Fonseca, coordenadora do projeto na Fundação.

Segundo ela, o trabalho será desenvolvido com a participação ativa dos alunos, desde a escolha do espaço a ser inicialmente modificado, passando pelo desenvolvimento de experiências práticas e buscando a solução de problemáticas do grupo e da escola. Esta metodologia possibilitará ao estudante o desenvolvimento de competências para as profissões do futuro: trabalho em equipe, protagonismo, colaboração, desenvolvimento do senso ético e estético, criatividade, empreendedorismo pessoal, autoestima.

Cada turma de 25 alunos contará com dois educadores permanentes, três vezes por semana, planejando em cooperação com a coordenação pedagógica do projeto, com os alunos e dialogando com a escola. Nos outros dois dias, a cada mês, serão convidados artistas-educadores de diversas linguagens artísticas: arquitetura, escultura, desenho, pintura, música, ateliê de contação de histórias, dramaturgia e mídias digitais.

"A partir das propostas criadas pelos alunos com o educador, o artista irá até à escola para ouvi-los e, a partir deste primeiro contato, propor formas de realização. Por exemplo, na biblioteca, escultores realizarão oficinas de personagens, transformados em móveis para ambientação da biblioteca. Designers de interiores ou arquitetos criarão maquetes para a montagem do sucatório ou do espaço expositivo. Como diria Paulo Freire, 'ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo'", diz Lêda.

O arquiteto português Álvaro Siza, responsável pelo projeto da Fundação Iberê, orchestra como poucos a experiência do visitante em suas obras. Por meio de compressões e descompressões, aberturas e fechamentos, volumes, vazios e luz, marca os trajetos, os pontos de vista, as perspectivas e a passagem do tempo.

F U N
D A Ç
Ã O



Novo horário
de visitação da
Fundação Iberê



QUARTA A
DOMINGO
das 14h às 19h
último acesso às 18h30min

Fundação Iberê

Av. Padre Cacique, 2000 | +55 (51) 3247 8001 | Porto Alegre/RS
Para visitas mediadas consulte: agendamento@iberecamargo.org.br



Visões de Iberê Camargo sobre o Parque da Redenção

Para celebrar os 247 anos de Porto Alegre, a Fundação Iberê apresenta a exposição *Visões da Redenção*. A mostra traz um recorte de 77 obras de Iberê Camargo (66 desenhos, três gravuras e oito pinturas), produzidas no início dos anos 1980 – quando o pintor retornou à Capital gaúcha, após um período de 40 anos vivendo no Rio de Janeiro.

“ Não há um ideal de beleza, mas o ideal de uma verdade pungente e sofrida, que é minha vida, e tua vida, é nossa vida nesse caminhar no mundo. Pinto porque a vida dói.

IBERÊ CAMARGO

***Visões da Redenção* pode ser visitada no segundo andar do centro cultural que leva o nome do artista.**

Frequentador assíduo do Parque da Redenção, Iberê gostava de observar o ir e vir das pessoas: anônimos, músicos, palhaços, ciclistas, moradores de rua e performers que, mais tarde, se tornariam arquétipos, desenhos, pinturas e gravuras.

De simples registros desses passeios, logo as anotações do artista ganhavam um significado maior. Os “personagens” da Redenção foram convidados para atuarem como modelos vivos no ateliê, e, muitos deles, desdobraram-se nas famosas séries *Fantasmagoria* e *Ciclistas*.

Nesse trabalho, Iberê Camargo expressa as formas da natureza e da condição humana, atingidas pela vida, por meio de árvores fantasmagóricas ou de figuras que habitavam a cena, sem rumo. Delírio, devaneio – um novo estar no mundo.

Até 21 de
abril de 2019
ENTRADA FRANCA
Quartas a domingos
das 14h às 19h

S E R
U I Ç
O

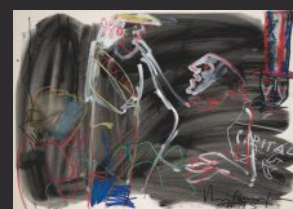
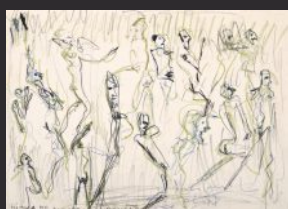


Foto maior: **Mendigos do Parque da Redenção IV, 1987.**
Tinta de esferográfica, lápis Stabilotone, nanquim e guache sobre papel, 22 x 31 cm, col. Maria Coussirat Camargo, Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre. Foto: Fabio Del Re. Da esquerda para a direita: **Mímica no Parque da Redenção, 1987.** Grafite, tinta de esferográfica e lápis Stabilotone sobre papel, 29,7 x 41,8 cm, col. Maria Coussirat Camargo, Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre. Foto: Fabio Del Re. **Outono no Parque da Redenção II, 1988.** Óleo sobre tela, 65 x 92 cm, col. Maria Coussirat Camargo, Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre. Foto: Rômulo Fialdini. **Parque da Redenção, 1985.** Serigrafia sobre papel, 37,1 x 47,4 cm, col. Maria Coussirat Camargo, Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre. Foto: Fabio Del Re. **Série Ecológica (Agrotóxicos), 1985.** Guache e lápis Stabilotone sobre papel, 70,3 x 100 cm, col. Maria Coussirat Camargo, Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre. Foto: Fabio Del Re.



Arte Superstar como as feiras de arte transformaram o mercado

A cada início de ano o pavilhão modernista da Bienal de São Paulo reúne artistas, colecionadores, galeristas e curiosos amantes das artes para celebrar uma das mais importantes feiras de arte do circuito mundial. A SP-Arte tem, tradicionalmente, uma forte participação de galerias do eixo RJ-SP, porém a edição de 2019 aponta uma maior adesão de galerias de outras regiões do Brasil. As galerias gaúchas Bolsa de Arte, Mamute e Aura Arte Contemporânea marcam presença levando nomes relevantes e artistas da nova geração.

Afinal, onde está o público?

Além do caráter comercial, estes grandes eventos contribuem para o fortalecimento de uma rede de produção de cultura, alavancando carreiras de novos artistas, gerando uma série de eventos menores que flutuam em torno do principal e estimulando o consumo de arte, seja pela compra, seja pela visita.

Segundo um relatório publicado pela *Art Basel* em 2018, o maior grupo de feiras de arte do mundo, desde a crise financeira de 2008 o mercado estava encolhido, se esforçando para superar uma prolongada recessão. A pesquisa levou em consideração os números de leilões e vendas de 6.500 galerias espalhadas pelo mundo.

Na edição 2018, a SP-Arte apresentou 132 galerias nacionais e internacionais, 33 expositores da área do design e teve 34 mil pessoas circulando pelo prédio projetado pelo arquiteto Oscar Niemayer, durante os cinco dias do evento.

Neste universo o Brasil aparece como um dos países mais bem representados em feiras de arte na América do Sul, registrando uma alta de 40%. Estes eventos passaram a concentrar um grande número de interessados, refletindo o interesse comercial na arte contemporânea brasileira e o fomento de novos investimentos como uma diversificação do patrimônio. A predileção dos colecionadores internacionais pela arte contemporânea brasileira a partir dos anos 2000 foi definitiva para o protagonismo de artistas e galerias que estavam atentas a esse movimento.

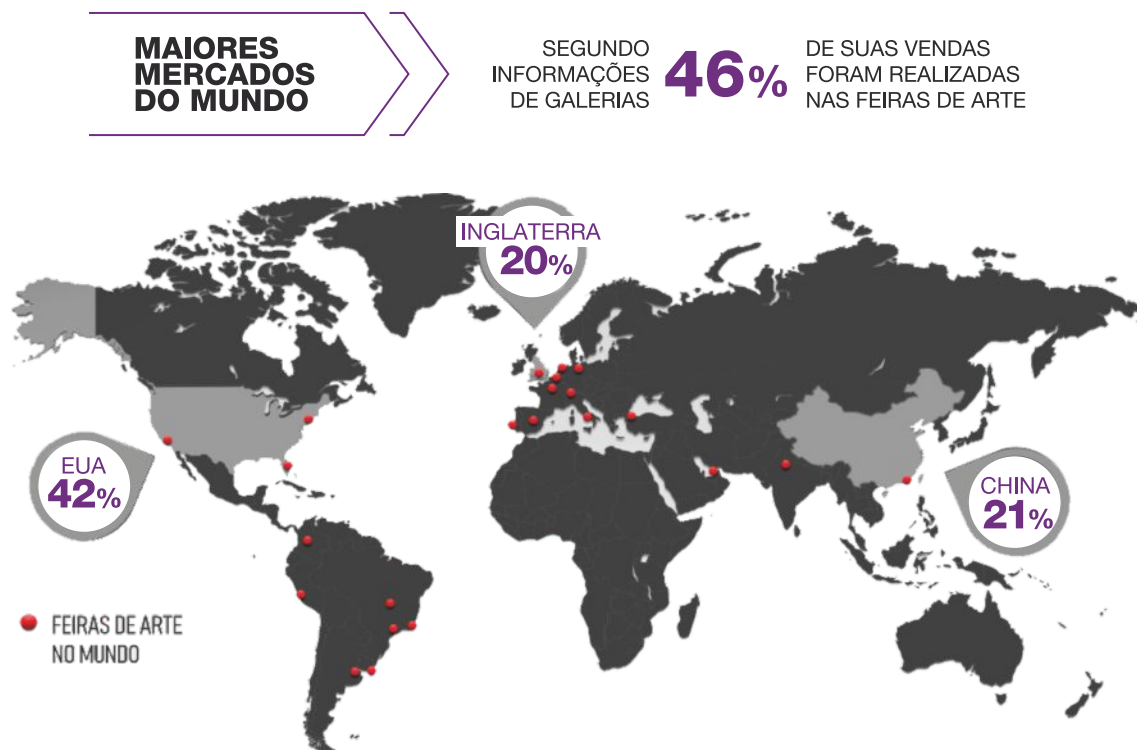
Os sinais dessa retomada ficam ainda mais claros quando a pesquisa realizada pela Art Basel aponta que quase metade das vendas das galerias ocorreram em feiras de arte – que cada vez mais se multiplicam pelo mundo –, movimentando um montante de US\$ 15,5 bilhões em 2018.

Ao passo que fervilham as feiras – no Brasil se destaca, além da SP-Arte, a ArteRio –, os museus e acervos, fenecem à procura de patrocínio financeiro para se manterem de pé e sofrem com o incipiente orçamento público reservado para o setor.

Grande parte do orçamento destas instituições tem origem no apoio recebido do setor privado, quando as empresas utilizam o benefício fiscal obtido através da Lei Rouanet para dirigir parte do seu imposto de renda (4%) para projetos culturais.

Numa luta incessante, os museus e centros culturais brasileiros trabalham lançando programas que sensibilizam o público sobre a importância destes aparelhos culturais para a sociedade, estimulando a valorização da arte no país. Associações de amigos, clubes de gravura, eventos beneficentes existem como um importante instrumento para garantir a sustentabilidade e a manutenção das instituições e acervos.

Segundo levantamento feito pelo Ibram – Instituto Brasileiro de Museus – entre 1.001 museus e centros culturais, mais de 32 milhões de pessoas visitaram algum museu em 2017. Dos cerca de 3.800 museus que fazem parte do Cadastro Nacional de Museus do Ibram, mais da metade (58,4%) tem interesse em criar uma associação de amigos/clube. Estes dados só reforçam a necessidade dos programas de formação de público para garantir o funcionamento dos museus, atraindo investidores do setor privado para driblar a falta dos recursos públicos.



EM 2017 O MERCADO DE ARTE GLOBAL MOVIMENTOU
US\$ 63,7 bi

UMA ALTA DE
+12%
COM RELAÇÃO A 2016

Fonte: Relatório anual Art Basel | The Art Market | artbasel.com/about/books

Angélica Daas

Qual a cor da sua pele?

Talvez essa pergunta jamais seja respondida pela artista plástica e fotógrafa Angélica Dass, que, de 2012 até agora, registrou mais de 4 mil rostos de pessoas, para mostrar que não existem apenas brancos, negros ou pardos. Ela já encontrou, em 19 países, humanos multicoloridos. Um diferente do outro.

A carioca radicada em Madri segue trabalhando na criação de um grande mosaico, onde cada retrato é apresentado num papel de parede da cor correspondente ao da pele da pessoa. A cor é determinada a partir de um quadrado de onze pixels, retirado da ponta do nariz do modelo.

Denominado de **Humanæ**, o projeto é um inventário cromático que reflete sobre as cores, além das fronteiras de nossos códigos, usando como referência o sistema de cores Pantone Humano. O **Humanæ** vem com o forte intuito de abolir a discriminação e encorajar o diálogo sobre os estereótipos e preconceitos que condicionam nossas percepções.

O trabalho da artista pode ser visto na **12ª edição do Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre – FestFoto**, Da Diáspora: Identidade, Hibridismo, Diferença, que acontece de **27 de abril a 26 de maio** pela primeira vez na **Fundação Iberê**.

Como surgiu o **Humanæ**?

Angélica Dass – As duas primeiras fotos do **Humanæ** foram minha e do meu marido espanhol, que é de família belga. Como ele é rosa, todos lá perguntavam qual seria a cor do nosso filho. Na Europa, as pessoas não estão acostumadas com essa mistura como no Brasil.

Em setembro de 2011 comecei o mestrado e, em abril de 2012, fiz uma viagem ao meu país. Como nessa época eu já tinha ideia do projeto, decidi fotografar minha família, que é especialmente colorida. Meu pai é negro adotado por uma família branca. Então minha vó é rosa pink, com nariz rosa, e meu pai é marrom. Do outro lado, minha mãe é de uma família de mistura indígena e afrodescendente e que adotou uma menina branca.

Ao voltar para a Espanha, decidi que continuaria fotografando as pessoas e que esse seria meu trabalho de conclusão de curso. Foi então que um galerista de Barcelona, que eu conheci no Brasil, me convidou para a primeira sessão pública do **Humanæ**. Montamos um estúdio na vitrine da galeria, juntamente com uma mostra com as cinco fotos que eu tinha feito da minha família. Quando alguém se interessava, eu contava a história que era mais ou menos assim: “*Estou tentando provar que ninguém é branco, preto, vermelho ou amarelo. Você quer ajudar o projeto?*”. Em quatro dias consegui cerca de 100 pessoas, e foi quando o **Humanæ** começou a tomar corpo.

Logo depois fiz outra sessão em Madri e apresentei meu portfólio: uma caixa com alguns dos retratos 30 cm x 30 cm e, no fundo, uma pantoneira (cartela com amostras de cores na escala Pantone®) com os retratos que tinha até então.

Quantas cores humanas você já detectou?

Angélica – São mais de 4 mil fotos e não faço a menor ideia de quantas cores eu tenho, porque o objetivo do **Humanæ** não é buscar a cor específica da pessoa. Nesse trabalho, eu uso um quadradinho do nariz da pessoa, que é a parte do corpo que muda quando se vai à praia, está resfriado ou alcoolizado, por exemplo. A cor do verão é diferente da cor do inverno, da primavera e do outono. Portanto, a cor que aparece na foto é de um breve segundo em que eu fiz a foto. O meu objetivo aqui é provar que essa classificação de branco e preto é uma construção. Isso está provado.

Estive recentemente no *Exploratorium*, um dos mais importantes museus da ciência dos Estados Unidos, localizado em São Francisco, onde farei uma exposição do **Humanæ**, pois o meu trabalho está totalmente alinhado ao conceito deles: raça é uma construção social, não existe científica e biologicamente. Então, por que a gente continua falando em branco e preto? Por que continuamos ensinando nossas crianças esse conceito de que eu sou negra e o outro é branco? Você aceita, nós aceitamos, que essa construção social seja, todos os dias, reensinada a elas. Isso não significa que nós temos que esquecer o passado, onde se construiu esse conceito de raça, e os impactos dessa construção ainda são muito atuais. Mas alguém sempre pensa que eu sou de uma raça diferente e me trata de maneira inferior.

Então, a fotografia é só uma desculpa, é o começo de uma conversa que acontece no mundo da arte, no mundo da educação, mas também no meio da rua. Se alguém lhe ofender com preconceito, pegue minhas fotos e mostre a ele. Isso é **Humanæ**.

“Nuances e diversidade são a verdadeira riqueza da humanidade. Ela não deve ser categorizada usando apenas três cores que, inevitavelmente, levam à ideia insidiosa de ‘raça’ e ‘racismo’.

ANGÉLICA DAAS



Como o projeto se tornou um fenômeno?

Angélica – Como era inviável enviar as fotos a todos que fotografava, criei um Tumblr. Uma das fotos era do DJ canadense Andy Dixon. Ele gostou tanto do resultado que a usou como perfil no Facebook, e isto fez com que amigos dele canadenses e norte americanos, que eu nunca tive contato, conhecessem minhas fotos. As redes sociais tiveram um papel fundamental no projeto.

Pouco antes de eu me formar em 2012, o *Humanæ* foi mostrado no programa da Oprah Winfrey e na BBC. A partir disso recebi muitos convites, mas achei que aquele não era o momento de apresentar o projeto. Como eu poderia falar de "humanidade" se só tinha feito foto em Madri e Barcelona, onde 90% das pessoas eram rosas?

Foi então, que o artista Eugenio Ampudia e o curador Alejandro Castellote, que faziam parte da minha banca julgadora, acharam interessante e me apresentaram a uma galeria em Chicago. Fui para os Estados Unidos, montamos um estúdio no estande da galeria e as pessoas que visitassem e gostassem do projeto, poderiam fazer parte da minha "família" de retratos. Enfim a experiência foi ótima, pois lá se encontra bastante mistura em todas as camadas sociais, e isso é maravilhoso.

Depois que fiz essa sessão, surgiu uma oportunidade em Paris. Eu tinha amigos que viviam lá e que acharam o máximo a ideia do *Humanæ*. Fiz as fotos em uma cooperativa que trabalhava com pessoas de rua, e foi incrível, porque eu estava buscando justamente essa diversificação. Não queria mais só pessoas conhecidas, fotógrafos ou galeristas.

Ainda em Paris, escrevi à delegação brasileira da Unesco, um lugar simbólico e que tem a ver com o projeto. Meu pedido foi aceito, paguei a passagem para uma amiga espanhola ir como ajudante e foi assim que o projeto ganhou mais visibilidade.

Sua exposição no PhotoEspaña ganhou o prêmio Festival Off e vieram mais convites para feiras e exposições. São cerca de 4 mil pessoas fotografadas no mundo. Você acha que o *Humanæ* pode, de fato, abolir o racismo?

Angélica – Ao longo desses quase sete anos percebi que eu não falava apenas sobre mim mesmo ou de cor, mas como nos vemos e a maneira como vemos os outros. A diversidade é um recurso inestimável para a espécie humana. É a essência de cada um, uma pequena parte de um vasto mosaico humano que emerge neste imenso afresco de fotos. As cores do racismo, não da pele. Pavimentando o caminho para o preconceito, para um comportamento antissocial profundo, cultural e não biológico.

Como você percebe o racismo no seu país?

Angélica – O Brasil é um dos piores países para ser afrodescendente. Existe uma narrativa histórica diferente em cada país, mas uma coisa eu posso lhe assegurar: não importa aonde eu vá, em qualquer lugar do planeta, os tons escuros são associados a adjetivos negativos, e os tons claros aos positivos. E nas 4 mil fotos do *Humanæ*, ninguém é branco, ninguém é preto. Todos nós temos antepassados que vieram do Continente Africano e que foram migrando.

Que impacto você já percebeu com o *Humanæ*?

Angélica – O grande impacto que eu tive foi através da educação, desenvolvendo o *Humanæ* com os educadores, a partir de oficinas associadas às exposições. Eu sempre peço a elas que me deem um feedback sobre a impressão do projeto em sala de aula. E os educadores dizem: "Em minha aula, nunca mais um aluno falou 'lápis cor da pele'. E se alguém fala, os colegas corrigem". Isso é muito importante, porque eles se corrigem, corrigem os pais, os amiguinhos. Veja quanta cor da pele existe no mundo. Isso me mostra que estamos no caminho certo. **Não sei se serei eu a pessoa que vai viver de verdade o impacto do que estou fazendo, mas as sementes foram plantadas e as arvorezinhas estão começando a crescer.**



Diásporas pelas lentes de
fotógrafos brasileiros e
estrangeiros na Fundação Iberê

De 27 de abril a
26 de maio de 2019
ENTRADA FRANCA
Quartas a domingos
das 14h às 19h

S E R
V I Ç
O

Pela primeira vez, a **Fundação Iberê** abre suas portas para o **Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre - FestFoto** que, este ano, aborda a produção contemporânea relacionada às dispersões populacionais e conflitos identitários, envolvidas tanto em problemas de disputas de nacionalidades e etnias quanto no âmbito de dilemas pessoais. Com o tema **Diásporas**, o evento reúne autores, especialistas e público em geral em uma agenda de atividades e exposições gratuitas até o dia 26 de maio.

Foto: Karen Miranda Rivadaneira



S E R
V I Ç
O

De 11 de maio a
28 de julho de 2019

ENTRADA FRANCA

Quartas a domingos
das 14h às 19h

Escultura Spider chega à Fundação Iberê

Após 20 anos em exposição em
São Paulo, obra da artista
francesa Louise Bourgeois
circula pelo Brasil



Após passar mais de 20 anos dentro de um espaço especial do Museu de Arte Moderna (MAM) em São Paulo, em regime de comodato, a escultura *Spider* "Aranha" de Louise Bourgeois, e pertencente à Coleção Itaú Cultural, chega no dia 11 de maio à Fundação Iberê. Ela permanecerá por dois meses e depois irá para Curitiba e Rio de Janeiro.

A obra da artista francesa foi realizada em 1996 e vista pela primeira vez na 23ª Bienal de São Paulo. Essa *Spider* é a primeira das seis aranhas que a artista produziu em bronze na década de 1990 e que estão espalhadas pelo mundo. A escultura pesa mais de 700 quilos – 68 quilos cada uma das oito patas, 113 quilos o corpo e 57 quilos a cabeça. O seu traslado exige grande cuidado e dedicação.

Com a inexistência do esboço e projeto original da escultura, a equipe do Itaú Cultural criou um aparato para garantir a sua estrutura na desmontagem e remontagem. A produção desenhou uma plataforma que é colocada debaixo dela para sustenta-la. As patas, cujas pontas são de agulha, são retiradas uma a uma enquanto uma espécie de berço se eleva da plataforma para segurar o corpo do pesado aracnídeo. Na remontagem, o caminho é o inverso.



Louise Bourgeois

Uma vida que entrou para história da arte

Referência no pensar do feminino na arte, seu trabalho é autobiográfico e trata da infância, medos, angústias, assim como a maternidade e conceitos da psicanálise

Louise Bourgeois (1911–2010) foi uma das artistas mais emblemáticas da história da arte de grande parte do século 20 e começo do 21: quebrou a barreira, até então existente no plano da teoria, entre a vida e a arte. Ela usou suas emoções como matéria-prima da sua obra, percorrendo temas como a sexualidade e a memória.

Sua carreira, que se estendeu pela maior parte do século 20, foi fortemente influenciada pelos eventos psicológicos traumáticos de sua infância, particularmente a infidelidade do pai. O tema principal abordado por Bourgeois, frequentemente chocante e sexualmente explícito, e o seu foco nas formas tridimensionais eram raros para as mulheres de sua época.

Na década de 1970, aos domingos, promovia salões em seu apartamento no bairro de Chelsea, em Nova York, onde estudantes e jovens artistas levavam trabalhos para serem analisados por Bourgeois – que podia ser implacável e se referia às reuniões, com humor tipicamente seco, como *Sunday, bloody Sunday*.

Relação maternal com as aranhas

A arte de Louise Bourgeois é conhecida pelo seu conteúdo temático altamente pessoal envolvendo o desejo inconsciente, sexual e do corpo. Os temas se baseiam em eventos da sua infância para os quais ela se apropriou da arte para realizar um processo terapêutico ou catártico. Transformou suas experiências em uma linguagem visual altamente pessoal, por meio do uso de imagens mitológicas e arquetípicas, adotando objetos como espirais, gaiolas, ferramentas médicas e as famosas aranhas para simbolizar a psique feminina, a beleza e a dor psicológica.

Infância

Louise Bourgeois nasceu em Paris, em 25 de dezembro de 1911, e recebeu o nome de seu pai, Louis, que queria um filho homem. Na maior parte do ano, a família vivia no elegante St. Germain, em um apartamento acima da galeria onde os pais vendiam tapeçarias. Os Bourgeois também tinham uma *villa* e oficina no campo, onde passavam os fins de semana restaurando tapeçarias antigas.

Durante toda sua infância, Louise foi recrutada para ajudar lavando, reparando, costurando e desenhando. A oficina era supervisionada pela mãe Josephine, com quem tinha muita proximidade. Mas foram as tensões, particularmente o fato de que a amante de seu pai (que também era tutora de Louise) residia com a família, que mais tarde viriam a formar a arte altamente autobiográfica de Bourgeois.

Primeiros passos

No início da década de 1930, Louise Bourgeois estudou matemática e filosofia na Sorbonne. Depois da morte de sua mãe, em 1932, começou a estudar arte, se matriculando em várias escolas e ateliês, incluindo a *Ecole des Beaux-Arts*, *Academie Ranson*, *Academie Julian* e *Academie de la Grande-Chaumière*.

Seu primeiro apartamento em Paris ficava na Rue de Seine, no mesmo prédio de André Breton, da *Galerie Gradiva*, onde se familiarizava com o trabalho dos surrealistas. Em 1938, começou a exhibir suas obras no *Salon d'Automne* e abriu a própria galeria em uma área separada do showroom de tapeçarias do pai, exibindo impressões e pinturas. Em sua curta carreira como negociante de arte, conheceu o historiador de arte Robert Goldwater, com quem se casou e se mudou para a cidade de Nova York em 1938.

Amadurecimento artístico

Chegando a Nova York, Bourgeois entrou para a Art Students League e concentrou sua atenção na gravura e pintura, enquanto também teve três filhos em quatro anos.

Durante as décadas de 1940 e 1950, Goldwater lhe apresentou a uma infinidade de artistas, críticos e comerciantes de Nova York, incluindo o importante Alfred Barr, diretor do Museu de Arte Moderna, que comprou uma de suas obras para a coleção do MoMA em 1953.

Consolidação e prestígio

O marido de Bourgeois morreu em 1973, mesmo ano em que ela que começou a dar aula em várias instituições da cidade de Nova York. Politicamente ativa como socialista e feminista, se juntou ao Fight Censorship Group, que defendia o uso de imagens sexualmente explícitas na arte. Louise fez várias obras de conteúdo sexualmente explícito relacionadas ao corpo feminino, como *Fillette* (1968).

Lei Rouanet

Retorno 59% maior que valor financiado

Estudo inédito da FGV mostra impacto econômico positivo da Lei Rouanet no Brasil

Por Guilherme Dearth – São Paulo/SP

Alvo de críticas agressivas e pouco fundamentadas durante as eleições de 2018, a Lei Rouanet – a lei federal de incentivo à cultura – costuma ser relacionada apenas ao benefício de artistas e produtores “folgados”. Nada mais longe da realidade. Dentro da economia e cultura criativa, o incentivo fiscal a milhares de projetos gera um impacto essencial à economia brasileira.

Dados do Ministério da Cultura mostram a importância da economia criativa. Tais atividades representam 2,64% do PIB brasileiro. As 251 mil empresas do segmento cultural criam um milhão de empregos diretos e geram mais de R\$ 10,5 bilhões de impostos diretos.

Um estudo inédito da Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgado com exclusividade durante o EXAME Fórum Cultura e Economia Criativa em São Paulo, revelou o impacto econômico da Lei Rouanet em seus 27 anos de história.

Os dados, apresentados pelo coordenador da FGV Luiz Gustavo Barbosa, mostram que a lei é benéfica à sociedade e seu impacto reverbera em 68 atividades econômicas diferentes, do transporte ao turismo, do setor alimentício às finanças.

Retorno 59% maior

Quem desconhece os mecanismos da lei acha que as renúncias fiscais promovidas fazem com que o Brasil “perca dinheiro” e “deixe de arrecadar”. O estudo da FGV mostra um dado incontestável e refuta essa noção.

Em quase três décadas de lei, **cada R\$ 1 captado e executado via Lei Rouanet, ou seja, R\$ 1 de renúncia em imposto, acabou gerando em média R\$ 1,59 na economia local.** Ou seja, a economia criativa incentivada pela lei gerou, na ponta final, recurso 59% maior em relação à ponta inicial. Em outras palavras, o incentivo à cultura gerou riquezas à sociedade, não custos.

Entre 1993 e 2018, a lei gerou R\$ 31,22 bilhões em renúncia fiscal, em valores reais corrigidos pelo IPCA. Esses R\$ 31,22 bilhões não só retornaram à economia brasileira como geraram outros R\$ 18,56 bilhões. No total, o impacto econômico da lei foi de R\$ 49,78 bilhões.

“A Lei Rouanet extrapola o setor cultural. E este impacta em todos os setores da economia, em diferentes proporções. Após a lei, vem toda uma cadeia produtiva que envolve venda de ingressos, turismo e eventos, financiamentos públicos e privados, alavancando a economia”, diz Barbosa.

O estudo mostrou o impacto real por segmento, entre 1993 e 2018, na economia brasileira:

PATRIMÔNIO CULTURAL R\$ 12,2 bilhões
ARTES CÊNICAS R\$ 11,8 bilhões
MÚSICA R\$ 10,5 bilhões
ARTES VISUAIS R\$ 5,3 bilhões
HUMANIDADES (Letras) R\$ 5,0 bilhões
AUDIOVISUAL R\$ 5,0 bilhões

Para todos os tamanhos

O estudo da FGV também revelou que, contrariando o senso comum de que apenas grandes empresas ou artistas famosos estariam “tirando proveito” da Rouanet, 90% dos recursos da lei, das renúncias fiscais, vai para projetos pequenos, de menos de 100 mil reais. 66,3% destes têm gastos menores que 25 mil reais.

A lei, assim, aquece micro e pequenas empresas dentro da economia criativa, não apenas grandes grupos já consolidados, fator essencial para o incentivo à inovação e empreendedorismo.

“Esses dados rebatem muitas das críticas que a lei sofre. A agenda da cultura é uma agenda econômica e é fundamental para o Brasil de hoje”, conclui Barbosa.



Foto: Filme "Um Homem com uma Câmera"

Cine Iberê

A proposta do Cine Iberê é exibir filmes que dialoguem com as exposições em cartaz na Fundação Iberê, com curadoria de Marta Biavaschi. De abril a junho a programação conversa com *Iberê Camargo: Visões da Redenção*, *FestFoto* e *Spider* de Louise Bourgeois.

Mostra Diálogo com o Invisível

10.04 | 16h | Auditório

O PARQUE

Damien Manivel – 71 min, 2016, França
Verão. Um garoto e uma garota têm seu primeiro encontro num parque. A princípio tímidos e inseguros, logo se descobrem, aproximam-se e, enquanto passeiam, acabam se apaixonando. Mas, à medida que o sol se põe, vai chegando a hora da separação... Começa, então, uma noite escura.

11.04 | 16h | Auditório

O CAMINHO DOS SONHOS

Angela Schanelec – 86 min, 2016, Alemanha
Theres é uma alemã na Grécia que conhece o inglês Kenneth. Com a mãe gravemente doente, ele volta à Inglaterra, e também reencontra o pai. Uma segunda história, na Berlim contemporânea, é protagonizada por Ariane, uma atriz, seu marido antropólogo, David, e a filha de 10 anos, Fanny.

12.04 | 16h | Auditório

VIC + FLO VIRAM UM URSO

Denis Côté – 95 min, 2013, Canadá
Victoria (61 anos) acaba de deixar a prisão e quer começar uma vida nova. Vai para a casa de um tio, já doente e inválido, em uma típica "Cabane à Sucre" desativada no meio da floresta canadense. Vic espera viver ali com a amante mais jovem Florence, sua ex-companheira de cela. Sob a supervisão atenta de Guillaume, o jovem oficial de condicional, Vic quer fazer a coisa certa e ficar em paz. Mas o passado volta para assombrar Flo.

13.04 | 16h | Auditório

TORRE: UM DIA BRILHANTE

Jagoda Szcelc – 106 min, 2017, Polônia
Ana e seu marido Andrzej viajam de carro com seus filhos pequenos e a irmã dela, Kaja, para a casa de outra irmã dela. Enquanto a presença de Kaja desencadeia mudanças na família, ocorrem uma série de peculiares eventos metafísicos.

14.04 | 16h | Auditório

PRINCESA MORTA DO JACUÍ

Marcela Ilha Bordin – 17min, 2018, Brasil – Sessão Comentada com Marcela Ilha Bordin
O arqueólogo Margot Moreira retorna ao lugar onde nasceu, a zona de exclusão chamada Depressão Central. Lá, o sol nunca para de brilhar.

14.04 | 16h | Auditório

Reprise de
O PARQUE
Damien Manivel – 71 min, 2016, França

Cinema Mudo com Música ao Vivo

05.05 | 16h | Auditório

UM HOMEM COM UMA CÂMERA

Dziga Vertov – 67min, 1933, URSS
Músico: Vagner Cunha
O filme procura intercalar os mais variados acontecimentos cotidianos de cidades da Rússia da década de 1920, com imagens do "homem com uma câmera", que registra estas situações. No entanto, o filme não se limita a mostrar os fatos como foram inicialmente capturados pela câmera. Vertov faz uso de várias técnicas de edição para chegar à "verdadeira realidade".

Sessão Comentada

02.06 | 16h | Auditório

HANNAH

Andrea Pallaro – 95min, 2017, Itália/Bélgica/França
Sessão Comentada com a atriz Sandra Dani
Hannah é mãe e avó, e seu marido está na prisão. Ela presta serviços domésticos para uma família rica e, nas horas vagas, frequenta aulas em um grupo de teatro. Um certo ar aristocrático, no entanto, nos diz que o trabalho de Hannah não condiz com sua realidade.



Fotos: Daniela Cayella Barcellos

Encontro da Comissão do Clube Iberê

A comissão de voluntárias, que ajudou a Fundação Iberê a realizar o jantar leilão da instituição em 2018, se reuniu na casa de Ingrid de Kroes – cônsul honorária da Holanda e líder da comissão – para traçar novos projetos em apoio à Fundação neste ano.

As convidadas receberam a programação de exposições e a agenda especial dos associados do **Clube Iberê**. Com o intuito de gerar reflexão a partir da cultura, o projeto possibilitará aos seus associados a oportunidade de fazer parte da história da Fundação, contribuindo com a construção de um espaço cultural cada vez mais diverso, inclusivo e pluralizado.

Participaram do encontro o superintendente da Fundação Iberê Camargo, Emilio Kalil, Adriane Kiperman, Ana Espíndola, Bruna Stern, Caroline Kreling, Dulce Helene Goettems, Fernanda Maiosonnave, Glaucia Stifelman, Jaqueline Testa, Laura Malcon, Livia Bortoncello, Marina Sirotsky, Mauren Motta, Nonô Joris, Olga Velho e Silvana Zanon.

Conheça todas as 13 obras do Leilão Beneficente

Daniel Senise

"Sem título", 2018, páginas de livros sobre placa de alumínio, 92 cm x 92 cm

José Bechara

"Pura, mais ou menos", 2018, Oxidação de aço e cobre sobre lona, 85 cm x 180 cm

Iberê Camargo

"Pintura", 1992, óleo sobre tela, 55 cm x 78 cm

Iberê Camargo

"Andante", 1988, óleo sobre tela, 30 cm x 42 cm

Siron Franco

"Neve do Brasil", 2009, óleo sobre tela, 135,5 cm x 155 cm

Karin Lambrecht

"Fragmentos da Noite", 2013, pigmentos em emulsão acrílica, pastel seco e cobre sobre tela, 124 cm x 98 cm

Nuno Ramos

"Série anjo e boneco 53", 2013, Guache, 151 cm x 188 cm

Vik Muniz

"Individuals (Goblet 18)", 2017, vidro murano, ed. 3/4, 163 cm x 50 cm

Maria Tomaselli

"Ele caiu como o João Pedro", 2018, Óleo, carvão e ferrugem sobre tela, 110 cm x 130 cm

Iole de Freitas

"Sem título", 2018, aço inox pintado de branco, 33 cm x 107 x 50 cm

Iberê Camargo

"Sem título", 1991, óleo sobre tela, 40 cm x 57 cm

Cildo Meireles

"Sem título", 1978, pastel sobre papel, 70 cm x 50 cm

Artur Lescher

"Cello", 2016, latão e fio de pesca, 240 cm x 11,4 cm



Seguindo a tendência de grandes centros culturais do país, a Fundação Iberê promoveu, em novembro de 2018, seu primeiro grande jantar leilão. Em um esforço de organização coletivo dos conselheiros e diretores da instituição, liderados pelos empresários Jorge Gerdau Johannpeter e Justo Werlang, o evento arrecadou cerca de R\$ 2,5 milhões entre obras de arte arrematadas, doações em dinheiro e adesão ao **Clube Iberê**, novo programa lançado durante o evento.

Mais de 700 pessoas participaram do jantar na Casa NTX, entre elas nomes importantes das artes e da cultura, como Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand, presidente do MAM, a jornalista e consultora de moda Gloria Kalil e os galeristas Luisa Strina e Renos Xippas.

O leilão comandado pelo empresário Nelson Sirotsky e pelo leiloeiro Jones Bergamin “Peninha” ofereceu mais de 10 obras de artistas renomados, como **José Bechara, Siron Franco, Daniel Senise, Nuno Ramos, Vik Muniz, Maria Tomaselli, Cildo Meirelles, Iole de Freitas, Artur Lescher e Karin Lambrecht**, além de três obras de **Iberê Camargo**. Elas foram doadas pelos próprios artistas – com exceção das obras de Karin Lambrecht, Siron Franco e de Iberê Camargo, doadas por colecionadores.

Uma comissão de mulheres liderada pela conselheira honorária da Holanda, Ingrid de Kroes, mobilizou a sociedade gaúcha para o evento e comercializou cerca de 650 convites. O jantar leilão também contou com o patrocínio das empresas Dufrio (patrocinador Master), Meta, Somma Investimentos, Carpena Advogados, Urban Advisors e Pestana Leilões e o apoio de Laghetto Hotéis e NB Eventos. As empresas assumiram todos os custos para a realização do evento, permitindo que todo o valor arrecadado com a venda dos ingressos – cerca de R\$ 320 mil – pudesse ser revertido inteiramente à Fundação.

Primeiro jantar leilão da Fundação Iberê



Iole de Freitas,
Nuno Ramos,
Daniel Senise,
Artur Lescher e
Vik Muniz



Ingrid de Kroes



Jorge Gerdau
Johannpeter e
Maria Elena



Emilio Kalil, Jones Bergamin, Nelson Sirotsky,
Jorge Johannpeter e Renato Malcon



Gloria Kalil, Nara e Nelson Sirotsky

AGENDA DA FUNDAÇÃO IBERÊ

DE ABRIL A JUNHO DE 2019



Visões da Redenção

Iberê Camargo

Local: 2º andar

Visitação: Até 21 de abril de 2019

Classificação indicativa: Livre

ENTRADA FRANCA



FestFoto 2019

Da Diáspora: Identidade, Híbridismo, Diferença

Visitação: De 27 de abril a 26 de maio de 2019

Classificação indicativa: Livre

ENTRADA FRANCA



Spider

Louise Bourgeois (França)

Local: Átrio

Visitação: De 11 de maio a 28 julho de 2019

Classificação indicativa: Livre

ENTRADA FRANCA



Ateliê de Gravura

da tradição à experimentação

Artistas: Iberê Camargo e mais 100 artistas que participaram do projeto Artista Convidado, da Fundação Iberê

Local: 4º andar

Visitação: Até 21 de abril de 2019

Classificação indicativa: Livre

ENTRADA FRANCA



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA. EM 2019, AGRADECEMOS O IMPORTANTE APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS.

PATROCÍNIO

PROGRAMA EDUCATIVO

EXPOSIÇÕES

PROGRAMA ATELÊ DE GRAVURA

APOIO

REALIZAÇÃO



DOADORES: INSTITUTO LING - DIGICON - PERTO CLUBE IBERÊ / PATRONOS: JORGE GERDAU JOHANNPETER - OLGA VELHO CLUBE IBERÊ / SÓCIOS: ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO BEATRIZ JOHANNPETER - DULCE HELENE GOETTENS - GLAUCIA STIFELMAN - JOSÉ LUIZ DE MELO CANAL - MAIRA CALEFI - MARIANA RECK HERTZ - PATRICE GAIDAINSKI - PATRICK LUCHESE